

Individuação e purificação: objetos e tartarugas, de intermediário a mediadores em um projeto de conservação ambiental

Ana Cecília Oliveira Campos

Universidade Federal do Espírito Santo

a.cecilia.oc@gmail.com

Introdução

Esse escrito tem um caráter experimental, em especial por se tratar de observações insipientes de uma pesquisa em andamento. Tal pesquisa teve início em janeiro de 2013, e utilizou metodologia etnográfica - participação, durante sete viagens ao campo, em atividades de treinamento interno, reunião de discussão de artigos e práticas - como também entrevistas semi-estruturadas e análise de produção de textos científicos vinculados ao Projeto foco do estudo.

O recorte estava voltado a perceber a forma com que os estagiários do Projeto Tamar - projeto de conservação ambiental que tem tartarugas-marinhas como animais emblemáticos (Creado, et al. 2012) - relacionavam-se com as tartarugas-marinhas e as reinventavam- pensando na reinvenção desses seres, como uma instancia particular da Invenção da Cultura (CAMPOS, 2013). Foi escolhida para estudo a base de pesquisa do Tamar na Reserva Comboios, localizada do Norte do Espírito Santo, Brasil.

O mito de origem, segundo o próprio Tamar, data no fim da década de 1970, quando estudantes de oceanografia realizaram uma expedição para pesquisa de moluscos, ocasião em que presenciaram os pescadores que os acompanhavam matar onze tartarugas marinhas. Esse episódio motivou a organização do grupo em prol da conservação marinha, o que possibilitou a criação do Projeto Tamar em 1980- (pelo antigo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal-IBDF, atual Ibama-Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Instituto Chico Mendes de Biodiversidade-ICMBio) (FUNDAÇÃO PRÓ-TAMAR, 2000).

Nos anos seguintes, o grupo mapeou as áreas do país em que as tartarugas marinhas poderiam ser encontradas, o que levou, em 1982, à fundação das três primeiras bases do Tamar, nos locais mais pressionados pela ocupação humana, incluindo a base de Comboios (FUNDAÇÃO PRÓ-TAMAR, 2000).

Antes do TAMAR, não havia legislação sobre a proteção de tartaruga marinha. Atualmente, “Tamar” designa o Programa Brasileiro de Conservação das Tartarugas Marinhas, executado pelo Centro Brasileiro de Proteção e Pesquisa das Tartarugas Marinhas- Centro Tamar, vinculado à Diretoria de Biodiversidade do Instituto Chico Mendes da Biodiversidade-ICMBio, órgão do Ministério do Meio Ambiente. É ainda, coadministrado pela Fundação Centro Brasileiro de Proteção e Pesquisa das Tartarugas Marinhas-Fundação Pró-Tamar, criado para coordenar as ações administrativas e científicas, de captação de recursos com empresas privadas, e de auto sustentação do Tamar-ICMBio (FUNDAÇÃO PRÓ-TAMAR,2010).

Com esse processo de institucionalização, o Tamar possui, atualmente, vinte e dois pontos de atuação- entre Centro de Visitantes e Bases de Pesquisa- distribuídos pela costa brasileira, distribuídas em nove estados, em áreas de alimentação, desova, crescimento e descanso desses animais (site do Tamar).

Nesse escrito será abordada a Base do Tamar em Comboios, que foi criada em 1982. A Base se localiza na Reserva Ambiental de Comboios, em Regência município de Linhares, Norte do Espírito Santo. Como afirma o site do Tamar, os trabalhos na região se efetuam em uma área geográfica que engloba 37km de praias semidesérticas, onde predomina a tartaruga-cabeçuda (*Caretta caretta*), mais conhecida na região como careba amarela ou careba dura. Também ocorre a tartaruga-de-couro (*Dermochelys coriacea*), também conhecida como gigante e careba mole (site do Tamar).

Esses “mitos de origem” aparecem pouco no cotidiano interno de agentes do Tamar em uma Base de Pesquisa, o que se faz vê são práticas técnicas e científicas - que estão ligadas ao cotidiano do Centros de Visitantes (LATOUR,2012).

Nesse sentido, inicialmente o foco da pesquisa recai sobre as agências de humanos e não-humanos e essa relação em técnicas executadas por estagiários do Tamar. Considerando esse interesse me voltei a atividades nessa base nas quais considere ser maior a relação entre animais humanos e animais não-humanos (INGOLD,1995), nesse processo, me deparei com outros agentes não-humanos de grande relevância, os objetos.

Em um descuido bastante frutífero, me pareceu coerente que a relação entre esses agentes humanos e não-humanos estivesse em momentos de maior contato entre eles,

e aqui me refiro a contato como proximidade corpórea. O que foi adequado enquanto a ênfase da pesquisa estava na agência (VARGAS, TARDE, 2007). Entretanto, quando passei a uma escala de abordagem que privilegiava o contato entre os corpos, a ideia de relação como diretamente ligada à proximidade física se mostrou inadequada - já que foram observadas técnicas em que havia relação sem proximidade corpórea, bem como o inverso.

Esse andamento da pesquisa me levou a não reduzir a temática sobre o “Tamar” enquanto instituição, e me aproximar de análises em que o foco se mantivesse em agentes do Tamar em relação. Assim, pretendo abordar corpos de humanos e não-humanos em contato em uma técnica específica- marcação de tartarugas - de forma a contemplar, estagiários do Tamar, tartaruga e objetos. A ideia é usar a técnica como ponto de partida para, parafraseando Roy Wagner (WAGNER, 2010), tecer abstrações ao mesmo tempo mais amplas e básicas a respeito de humanos e não-humanos no Tamar, observando como controvérsias emergem e são obliteradas nos Tamar. Pretendo, em última instância observar como agentes do Tamar transitam, nos termos de Latour, entre intermediários e mediadores

Marcar tartarugas e o contato entre os corpos

Marcar tartaruga faz parte de uma técnica de monitoramento de praia empregada pelo Tamar de monitorar ocorrências de tartarugas-marinhas que se deslocam do mar para a praia afim de realizarem a postura de ovos. Na região são monitorados, diariamente, durante os períodos de reprodução - no Brasil de outubro a março - 27km de praia, em horários noturnos e matinais.

Na região essa atividade é denominada carebada. A técnica envolve percorrer a praia; identificar rastros estacas; cavar e transferir ninhos, fazer registros, marcar localização, fotografar; marcar tartarugas – a essa última atividade se voltará a atenção desse escrito.

“Marcar tartaruga” pode ser descrita bastante sucintamente em seis pontos que serão posteriormente desdobrados: a) ao flagrar uma tartaruga b) aguarda-se até que a tartaruga inicie a desova; c) encaixa-se a anilha no alicate; d) aperta-se o alicate contra a segunda placa de cada uma das nadadeiras frontais; e e) preferencialmente a

anilha de menor número deve ser colocada na nadadeira esquerda com numeração voltada para cima.

a. Flagrante e a dimensão do corpo:

“Flagrante” é a denominação técnica de encontrar uma tartaruga na praia. Encontrar/ver tartarugas em uma praia que apresenta maior número de desovas de *Caretta caretta* no litoral brasileiro poderia ser nada além do esperado não fossem as inabilidades humanas com a visão noturna e os hábitos comumente noturnos de desova.

Durante um monitoramento de praia o coordenador nacional do Tamar, considerado experiente na atividade, indicou aos estagiários que: usassem o mínimo possível as lanternas; isso faria com que seus olhos se acostumassem com o escuro e que eles passassem a enxergar melhor nessa condição; em situações de não poder visualizar, poderiam passar as mãos ao longo da região central do casco da tartaruga e se no fim dele, próximo ao rabo, fosse sentida uma elevação se tratava de uma *Caretta caretta* (cabeçuda).

Nesses exemplos a pretensa habilidade da visão humana em se adaptar à pouca quantidade de luz, bem como as capacidades táteis das mãos, dimensionam o contato com a tartaruga.

Antes de poder marcar tartarugas, faz-se necessário aprender a vê-las e senti-las dispendo de pouca luminosidade, conhecendo o contorno de seus corpos na areia e nas mãos. Quando falo “aprender a ver”, me refiro mesmo a desenvolver essa habilidade- em uma referência a educação à atenção (INGOLD, 2010).

Nesse contato pode-se observar ainda uma dimensão afetiva. Esse aspecto foi enfatizado em entrevistas com estagiários, que ficavam relutantes e emocionados ao falar do contato com esses animais, em frases como “Não dá para explicar” ou “É muito emocionante” - em especial ao abordar a postura de ovos e a experiência com de proximidade com *Dermochelys coriacea* (Tartaruga-gigante), maior espécie de tartaruga-marinha.

b. Ler rastros e escrever corpos

Essa técnica apresenta uma forma específica de considerar quais são os comportamentos padrões de uma tartaruga marinha. Aguardar até que a tartaruga desove pressupõe -segundo significados atribuídos pelo Tamar, e de forma mais

ampla pela biologia da conservação, com a qual se une em redes sociotécnicas - que toda tartaruga que se desloca do mar para a terra o faça no intuito de desovar; significa ainda que é uma fêmea; e, considerando a região, possivelmente das espécies *Dermochelys coriácea* ou *Caretta caretta*.

Se o parâmetro para iniciar a marcação é o início de desova é portanto relevante, quando se flagra uma tartaruga, identificar se ela já desovou ou não, o que é realizado a partir dos rastros. Através do rastro pode-se dizer ainda o que a tartaruga “fez” na praia: por que lado do rastro ela saiu do mar, que caminhos fez, se desovou, onde desovou, e por onde voltou.

No treinamento - o executor da base, um cargo de chefia - afirmou que, tais considerações decorrem de imaginar que movimentos a tartaruga fez. Bastante instigante é a ideia de mimese corpórea conforme aborda Renzo Taddei, assim afirmo ainda que, dar sentido aos rastros de tartaruga como o fazem os agentes estagiários do Tamar é ainda mimetizar mentalmente os corpos e movimento desses animais.

O que implica ainda em conceber um determinado modo de entender o que são tartarugas marinhas, como agem; conhecer de maneira singular seus corpos e as diferenças físicas e comportamentais entre as espécies; um modo específico de compreender tartarugas marinhas como seres cujos padrões se pode descobrir; um empenho científico em purificar (LATOURE, 1991).

c. Objetos obliterados

Anilhas são de materiais metálicos, se parecem com um brinco de duas faces. Nas anilhas usadas pelo Tamar, em uma face há um número, na outra, o endereço da Base do Tamar na Praia do Forte, Bahia.

A sequência de números de uma anilha nunca se repete em outra, portanto se uma tartaruga é marcada com uma anilha de número “9908758” nenhuma outra terá anilha com a mesma sequência. As anilhas chegam até os estagiários fechadas, e normalmente numeradas em ordem crescente.

Os alicates usados para fechar anilhas, são bastante parecidos com alicates de uso em reparos domésticos, mas adequados ao formato e tamanho da anilha. Assim o alicate deve ser aberto, e cada uma das faces da anilha encaixadas nele.

O início da pesquisa foi marcado por entrevistas semi-estruturadas com estagiários nas quais descreviam suas atividades de trabalho onde a ênfase estava na ação de

“marcar tartaruga”, por exemplo. Os objetos usados para que isso ocorresse eram obliterados. Apesar da técnica ser mais feita de contato com objetos do que com tartarugas, as experiências de contato com os animais é que eram destacadas.

d. Objetos que atravessam

Tartarugas possuem em suas nadadeiras pequenas placas, a anilha deve ser colocada na segunda placa da nadadeira frontal - tendo o casco como referência. Para isso deve-se aproximar o alicate já acoplado com a anilha na região referida da nadadeira e apertar o alicate contra sua pele até perceber que a anilha travou.

Saber fazer isso com precisão, evitando ter que repetir o procedimento - o que não é desejado por provocar dor e estresse às tartarugas - pressupõe desenvolver a habilidade (INGOLD, 1995) de usar uma quantidade de força adequada para a atividade. Se misturam, ainda, nessa atividade a ideia de provocar dor ao animal e de cooperar em sua conservação. Se por um lado a ideia de perfurar o corpo de uma tartaruga (provocando dor e estresse) parece oposta à proteção desses seres, a aparente contradição se desfaz ao observar esse processo como conectado à forma com que as técnicas do Tamar é atribuído valor de conservação de espécies e não de indivíduos específicos.

Se na descrição de suas atividades o que se destaca por parte dos estagiários é o encantamento e a afetividade em sua relação com as tartarugas, “marcar tartaruga” só se faz possível na obliteração do dano causado ao corpo individual do animal- em detrimento aos possíveis benefícios para a espécie.

e. Individualizar

Apesar de anilhas como as do Tamar serem usadas por outros projetos de conservação de tartaruga-marinha ao redor do mundo, o padrão estabelecido para colocar a anilha privilegia a visualização do número em detrimento da identificação da anilha como sendo do Tamar.

O que, nessa instância, aponta para as anilhas como um artefato de função mais próxima a um controle da própria instituição do que um mecanismo para evidenciar o contato do Tamar com o espécime. Nesse sentido, marcar tartarugas diz respeito a individualizá-las, torná-las únicas.

Todas as anilhas aplicadas são registradas e consideradas como sendo “dados”. Por sua vez todos os dados criados na carebada são registrados em uma plataforma de

dados usados em pesquisas científicas, o Sistema de Informações Integrado (SIITamar).

Os registro de dados é um dos aspectos mais destacados no treinamento em observações como: se não tem certeza não anote; peça para seu colega repetir; é melhor a falta de um dado, do que um dado incorreto. O interesse não se limita aos dados unicamente, mas nestes em formato acertado, exato, indubitável.

Se por um lado essa técnica individualiza, por outro a soma purificada dos dados individuais produz uma ontologia geral para cada espécie e constrói fatos científicos. Assim considera-se que a área conhecida com desovas de *Dermochelys coriácea*, regulares, situa-se no litoral norte do Espírito Santo- mas há relatos de desovas ocasionais no Rio Grande do Norte, Bahia, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; a população é considerada bastante reduzida; e o aumento da atividade pesqueira principal ameaça (SANTOS, et al., 2011). A *Caretta caretta* que também apresenta distribuição geográfica circunglobal tem como áreas prioritárias de desova o norte da Bahia, Espírito Santo, norte do Rio de Janeiro e Sergipe; sendo que mais de 75% das desovas ocorrem na Bahia e no Espírito Santo; seu pico da desova é entre outubro e dezembro; e também a pesca é vista como principal ameaça (ALMEIDA, et al., 2011).

Entre intermediários e mediadores

Até aqui trato de intermediários: objetos que funcionam como defeitos ou interferência e tartarugas-marinhas que desovam onde e quando apontam as pesquisas. Para além desse perfil, se oblitera, na purificação para construção de fatos científicos tartarugas da espécie *Lepidochelys olivácea* (oliva) que desovam ocasionalmente na região; tartarugas híbridas; tartarugas que desovam em período e região considerados inadequados (FREITAS, 2014); quadrículos que comumente apresentam defeitos; tartarugas que passam a apresentar significado político quando mortas (FREITAS, 2014) e tanques de tartarugas que tem tamanho considerado inadequado por visitantes (CAMPOS, 2014). Segue a definição de Latour, para intermediários e mediadores:

“Um intermediário, em meu léxico, é aquilo que transporta significado ou força sem transforma-los: definir o que entra já define o que sai [...] funciona como uma unidade embora internamente seja feita de várias partes. Os mediadores, por seu turno, não podem ser contados como apenas um, eles podem valer por um, por nenhuma, por várias ou uma infinidade. [...] apesar de uma aparência simples, pode se revelar complexo e arrastar-nos em muitas direções que modificarão os relatos contraditórios atribuídos a seu papel” (LATOURE, 2012, p.65)

Nesse sentido, a prática no Tamar trabalha a operar sobre os agentes humanos de forma a produzir, tanto quanto possível, **intermediários** tecnocientíficos. Ao passo que, nesse processo deslocam a controvérsia como aspecto particularmente humano, para objetos e tartarugas como agentes mediadores em técnicas do Tamar. Tratarei desses aspectos a seguir.

a. Objetos Outros: a controvérsia do quadriciclo

Demorei para observar a importância da maioria dos objetos usados nas técnicas da Base de Pesquisa de Comboios no Tamar, em especial porque eles eram pouco citados nas entrevistas, em que a ênfase era direcionada à ação. De forma geral, a descrição da do monitoramento de praia por parte dos estagiários não destaca como ou quando usar, nem mesmo citava muitos dos objetos.

Uma exceção a esse padrão parece ser o quadriciclo, principal meio de locomoção na carebada, que comumente apresenta problemas de funcionamento. Problemas no funcionamento do quadriciclo implicam em alterações na rotina de técnicas de monitoramento de praia. Se por um lado os demais objetos usados são “invisíveis” é possível que o sejam porque seu funcionamento pertence ao campo do “controlável”, do “estável”, sua agência (LATOURE, 2012) é nesse sentido não percebida.

b. Tartarugas Outras: o que escapa à técnica

A relação das “pessoas do Tamar” com as tartarugas gigantes chegou até mim antes mesmo da relação com a carebada. Nas primeiras entrevistas com estagiários que acompanhei de minha orientadora (ainda na temporada reprodutiva de 2013/2014) já havia direcionado minha atenção para a questão da descrição que eles faziam das tartarugas gigantes. O falar dos estagiários sobre a experiência com a gigante é

geralmente acompanhada de uma dificuldade de expressar objetivamente o “sentimento”, geralmente caracterizado como “emocionante”, “sem palavras”.

Na temporada reprodutiva seguinte comecei a incluir nas entrevistas com estagiários perguntas sobre o porquê dessa relação especificamente com a *Dermochelys*. As respostas me levaram para a questão da raridade da espécie; ao fato de ser de uma família diferente das demais, e a constituição diferenciada de seus corpos-placas; do desconhecimento sobre os hábitos desse animal que mergulha a grandes profundidades. Portanto, a ênfase nesses seres estava tanto vinculada ao que se desconhecia, quanto sobre o que deles já havia sido purificado.

Apesar da minha reduzida presença em monitoramentos de praia- pude observar a ocorrência de uma “lepi” (*Lepidochelys Olivacea*). Costuma ser enfatizado sobre elas nos relatos a “dancinha” que fazem no momento em que estão tapando os ninhos, e sua agilidade na praia. Entretanto, a existência de desovas dessa espécie na região da Reserva Biológica de Comboios não consta na produção científica do Tamar (ALMEIDA, et al., 2011; SANTOS, et al., 2011).

c. Humanos Outros:

Desde o início da pesquisa acompanhei, em maior ou menor grau, três grupos de estagiários. O curto tempo que os estagiários permanecem no Tamar- três meses- inicialmente me levou a me questionar sobre a viabilidade de abordar “os estagiários” como um grupo rígido, fixo. O desconforto com o termo cessou quando o foco da pesquisa passou a uma abordagem mais voltada a uma etnografia das técnicas desses estagiários.

A observação detalhada de algumas das técnicas que envolvem atividades de trabalho executadas pelos estagiários da Base de Pesquisa do Tamar em Comboios, formou a hipótese de que essas técnicas desejavam fazer transitar os estagiários de mediadores para intermediários. A ideia central era de que técnica pudesse uniformizar uma conduta, determinar um padrão em que o estagiário não interferisse no tal “dado coletado”.

A compulsão, quase antropologia dos estagiários, por anotações se fez ver no caderno de campo dos mesmos que, por seu mal estado de conservação foi substituído (na temporada reprodutiva de 2013/ 2014) por uma placa de acrílico. Enquanto meu interesse estava no registro à práticas e técnicas (que observei ser comuns aos estagiários), o deles se voltava a individualizar.

A existência da técnica, do treinamento, e as exigências com relação à anotação de dados acertados, pressupõem que os estagiários poderiam- no processo de criar os dados, anotando números e letras- influenciar em suas informações, ainda que não deliberadamente. Nesse sentido, a técnica tornava uniformes e determinadas as condutas e objetivava evitar que ao transportar significados, os estagiários os transformassem; dessa forma, buscava-se transitar a agencia dos estagiários de mediadores para intermediários.

Considerações finais

A relevância antropológica de focar a análise em tartarugas que têm seus corpos atravessados por artefatos da tecnociência pode estar inscrita em uma metáfora que rompe com a dicotomia orgânico x inorgânico, o ciborgue.

Uma tartaruga ciborgue. Não ciborgue enquanto uma condição do “ser tartaruga” mas ciborgue quando mobilizada pela tecnociência vinculada à biologia da conservação no Tamar- que pode dizer mais a respeito do “ser Tamar” do que “ser tartaruga-marinha”.

Nesse sentido essa tartaruga ciborgue, ao mesmo tempo que é individualizada - por não ser somente uma tartaruga-marinha, mas ser individuo de uma espécie determinada, número de anilha, desova e locais de ocorrência registrados no SII TAMAR - produz padrões coletivos, uma ontologia de ser tartaruga- já que os registros de dados são mobilizados em padrões ao servirem a pesquisas científicas elaboradas pelo Projeto ou parceria com o ele. Os números e letras, considerados dados, são posteriormente criadores de padrões em um movimento que retroalimenta a atuação de pesquisa do Tamar.

Se a partir de objetos e tartarugas pode-se dizer algo a respeito do Tamar, é bastante próximo do que apresentam os textos produzidos a partir de dados criados pelo Tamar. O processo de tornar uma tartaruga-marinha uma sequência numérica- que é

feito dado tão logo quanto criado - é o processo que conecta campo e texto do Tamar e o movimento de retroalimentação entre eles.

Se por um lado os objetos são obliterados nas descrições das atividades dos estagiários- ao passo que o contato com as tartarugas é destacado- por outro, eles produzem vínculos duradouros (LATOUR, 2012) que permitem ao Tamar manter relações com tartarugas com as quais não se tem proximidade corpórea, ainda mais considerando seus ciclos e fases.

Nesse processo são obliterados agentes que fogem ao padrão purificado, que - no contexto do Tamar, e em contextos específicos- apresentam-se controversas. Esses agentes não funcionam sempre como está pressuposto pelo Tamar- uma vez mais, quadriciclos comumente apresentam defeitos de funcionamentos; tartarugas ocasionalmente apresentam comportamento que fogem ao padrão de gráficos (ALMEIDA, et al., 2011; SANTOS, et al., 2011); ao passo que, dos estagiários era desejada a conduta de intermediar.

Na Base de Comboios, tartarugas vão e vêm do mar todos os anos, só o que delas permanece em terra são números que as identificam e as caracterizam. Os objetos atuam, nesse contexto, como vínculos duradouros armazenando informações. Estagiários compartilham, brevemente- com agentes diversos, humanos e não-humanos - seu tempo nos espaços da Base, num fluxo contínuo que se mantém por práticas de conexões tão afetivas quanto técnicas e científicas.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, A.P, THOMÉ, A.C, BAPTISTOTTE.C, MARCOVALDI M.A , SANTOS A.S, LOPES, Milagros. *Avaliação do Estado de Conservação da Tartaruga Marinha Dermochelys coriacea* (Vandelli, 1761) no Brasil. Biodiversidade Brasileira, 2011, 1(1): 10-17

CAMPOS, A. C. O. **Perspectivas inventadas e diferenças infinitesimais: tartarugas marinhas e “Projetos Tamar”**. Anais do IIColoquio do Grupo de Estudos e pesquisas em Teoria Política Contemporânea, v.2, n.1. 2013. Disponível em: periodicos.ufes/getpol .

CAMPOS, A. C. O. Relatório Final de Iniciação Científica. A tartaruga inventada pelo visitante da Base do Projeto Tamar em Comboios, e a influencia do Tamar enquanto porta voz da tartaruga marinha. Manuscrito, 2014.

CREADO, E. S. J. ; TORRES, C. C. A.; FREITAS, P. L. T. **Algumas reflexões sobre o ambientalismo e duas de suas espécies emblemáticas**. Trabalho apresentado na 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil. 24 p.

FUNDUÇÃO PRÓ-TAMAR. *Assim nasceu o Tamar/ Fundação Pró-Tamar*- Salvador: A Fundação, 2000

HARAWAY, D; KUNZRU, H.; SILVA, T. T (Org). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

INGOLD, Tim. Humanidade e animalidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 10, n. 28, p. 39-53, jun. 1999. LATOUR, B. *Jamais Fomos Modernos*. São Paulo: Editora 34, 1995.

INGOLD, Tim. *Da transmissão de representações à educação da atenção*. Educação, Porto Alegre, v.33, n.1, p.6-25, jan/abr. 2010

TADDEI, Renzo. IV Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia, Mesa: Humanos e Não-Humanos: linhas. Devires e simetrizações. Realizada em 2013, em Campinas, SP, Brasil. Apresentação oral. Disponível em <http://www.ige.unicamp.br/react/content/m%C3%ADdia>>. Acesso em 18 de novembro de 2014.

TARDE, Gabriel. *Monadologia e sociologia e outros ensaios* (organização de Eduardo Viana Vargas e tradução de Paulo Neves). São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SANTOS.A.S; SOARES. L. S; MARCOVALDI, M.A; MOTEIRO.D.S.; GIFFONI.Bruno; ALMEIDA. A.P. *Avaliação do estado de conservação da tartaruga marinha Caretta caretta Linnaeus, 1758 no Brasil*. Biodiversidade Brasileira, 2011, 1(1): 1-9.

LATOUR, B. 1994. **Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia simétrica**. (Trad. Carlos Irineu da Costa) Rio de Janeiro: Ed.34. 1991.

LATOUR, B. **Reagregando o Social**. Bauru, SP: EDUSC/ Salvador, BA: EDUFBA 2012

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify,2010.